

# CIÊNCIA, POTÊNCIA E MEMÓRIA

ROBERTO KRAENKEL



Roberto Kraenkel, paulistano de 61 anos, é físico, tendo obtido seu doutorado em 1988. Desde 1991 é professor do Instituto de Física Teórica da UNESP. Na última década tem se dedicado à modelagem matemática de sistemas biológicos de importância na ecologia e epidemiologia. É um dos criadores do Observatório Covid-19 Br.



*Quand la violence eut renouvelé le lit des hommes sur la terre,  
un très vieil arbre, à sec de feuilles, reprit le fil de ses maximes...  
Et un autre arbre de haut rang montait déjà des grandes Indes  
souterraines, avec sa feuille magnétique et son chargement de  
fruits nouveaux.*

Saint-John Perse, «*Vents*», 1960<sup>1</sup>

A pandemia de Sars-Cov-2 tomou o mundo e o transformou em algo que a maioria das gerações atualmente vivas não conheciam. Se é verdade que o espectro da catástrofe iminente que nos assombrava no início de 2020 foi substituído por um cotidiano alterado – uma normalidade do horror domesticado que aqueles que passaram por guerras conhecem demasiadamente bem, não menos verdade é que o esforço humano de se contrapor ao vírus revela forças de estranhas proporções, de uma nova beleza, e que requerem tempo para que sua potência se mostre – que do magma se faça rocha.

Ciência e cientistas estão no centro desta cena. Os olhos de todos se voltam ao seu fazer. Esperamos respostas. Esperamos armas. E ansiamos por uma volta ao que antes era o nosso cotidiano. Ao cientista não cabe dar garantias. Alguns dentre nós, cientistas, talvez se sintam no dever de reassegurar as pessoas. E a dizer-lhes que sim, nós podemos. E talvez, de fato, possamos. Talvez tenhamos os meios de eliminar o vírus ou então de subtrair seus impactos. Mas a essência da ciência é a dúvida e todo caminho, mesmo que nos leve a um ponto desejado, é tortuoso.

É nas idas e vindas que se constrói coletivamente a ciência. No Brasil, em especial, mas também para além de nossas fronteiras, o iletrismo científico faz com que ciência e cientistas sejam percebidos como autoridades arbitrárias. A própria ideia de que a força do saber científico vem de sua construção coletiva, de sua falibilidade e de sua constante reconstrução, é incompreendida largamente e vista como fraqueza, mesmo sendo o seu contrário.

---

<sup>1</sup> “Quando a violência renovou o leito dos homens na terra, uma árvore muito velha, com folhas secas, recuperou o fio de suas máximas... E outra árvore de nível superior já se erguia das Índias subterrâneas, com sua folha magnética, carregada de novas frutas.” Saint-John Perse. *Vents*, Paris: Gallimard, 1946. Traduzido por Lorena Vita Ferreira.

Pergunta-se o cientista como mover-se neste pântano. Se pela luz ou pela sombra.

Durante a epidemia de COVID-19, vemos as tensões acima se tornarem mais agudas. Nas redes sociais, jornais e programas de TV discutem-se conceitos da ciência e intelectuais e cientistas se veem de súbito numa arena de interesses à qual estão pouco acostumados. Aquilo que nos parece ser matéria de debate técnico transforma-se em elemento de discussão de sofistas. Esta trajetória, ainda em curso, deixará marcas e precisará ser revisitada. Historiadores e historiadoras são aqui de fundamental importâncias.

Há novas potências que se revelam do encontro de cientistas, médicos, pesquisadores e profissionais da saúde pública, cientistas sociais e intelectuais. A colaboração entre diferentes áreas se fez imperativa e também mostrou as condições de seu sucesso: a generosidade, o respeito aos saberes múltiplos, o andar ao passo, a competência técnica, acurácia, a escuta, a prontidão, o compromisso. Ao mesmo tempo a urgência da época impõe que tudo isso seja eficaz e emergja ‘das grandes Índias subterrâneas’ como magma do saber em um mundo de urgências. Há um desafio continuamente presente.

A COVID-19 nos desloca de nossos hábitos, de nossas certezas. Para o bem e para o mal. Saber como cada qual se portou, quais suas angústias, quais suas superações e tropeços, sua linha justa, seu suor. Tudo é importante. Que tudo esteja na luz de um teatro cheio. Que se torne documento e memória. Este livro nos leva a reflexões que dimensionam este momento, que o tornam concreto, que o fazem matéria mesmo da história.

Ao cientista cabe lembrar-se de seu sócia no espelho, o poeta. Paul Celan diz que *é tempo que a pedra se decida a florir*. Este tempo, o haverá. E a memória desta época abrirá caminhos para os que dela emergirem.

Roberto A. Kraenkel  
São Paulo, fevereiro de 2021